

ANÁLISE DAS IMPLICATURAS E IMPLÍCITOS: UM OLHAR SOBRE OS NÃO-DITOS DA MÚSICA “INOCENTE”

Nádia Carina da Silva Melo JOSÉ¹

Resumo: No presente estudo objetivou-se analisar as Implicaturas e Implícitos na letra da música “Inocente”, do cantor angolano Paulo Flores, a fim de observar as intenções comunicativas do autor e identificar possíveis interpretações do texto a partir do olhar da Pragmática e da Análise do Discurso. A metodologia de pesquisa deu-se em duas etapas, inicialmente fez-se o levantamento bibliográfico do aporte teórico, posteriormente selecionou-se o objeto de estudo da pesquisa. A análise da música deu-se sob abordagem qualitativa para observar os não-ditos e possíveis inferências do texto (música) e suas contribuições na construção do sentido. No que tange a fundamentação teórica, referente à Pragmática abordou-se sobre a teoria das Implicaturas conforme contribuições de Grice (1975, 1978), nas abordagens de Basso e Pires de Oliveira (2014); Cançado (2012) e Costa (2009). E do ponto de vista da Análise do Discurso, as concepções de Pêcheux sobre o sentido dos Implícitos segundo Moraes (2009) e Orlandi (2000). Dos resultados, observou-se que os não-ditos na letra da música contribuem significativamente para entender o significado completo do texto, pois trata-se, de identificar pressuposições que despertam o leitor sobre questões subjacente nele.

Palavras-chave: Implicaturas; Implícitos; Significado.

Abstract: The present study aimed to analyze the Implicatures and Implicits in the lyrics of the song "innocent", by Angolan singer Paulo Flores, in order to observe the author's communicative intentions and identify possible interpretations of the text from the perspective of Pragmatics and Discourse Analysis. The research methodology was carried out in two stages, initially the bibliographic survey of the theoretical contribution was made, later the object of study of the research was selected. The analysis of music took place under a qualitative approach to observe the unspoken and possible inferences of the text (song) and their contributions in the construction of meaning. Regarding the theoretical foundation, referring to Pragmatics, the theory of implements was discussed according to contributions by Grice (1975, 1978), in the approaches of Basso and Pires de Oliveira (2014); Cançado (2012) and Costa (2009). And from the point of view of Discourse Analysis, Pêcheux conceptions about the meaning of the implicit according to Moraes (2009) and Orlandi (2000). Based on the results, it was observed that the unspoken words in the song contribute significantly to the understanding of the full meaning of the text, since it is about identifying presuppositions that awaken the reader about underlying issues in it.

Keywords: Implicatures; Implicits; Signification.

Introdução

A utilização da língua relaciona-se com todas as atividades da vida humana, Bakhtin (2003). Ela é o principal meio de comunicação dos seres sociais, por meio dela, os indivíduos interagem, expressam emoções e posicionam-se ideologicamente, quer seja na sua forma oral ou escrita, de diferentes maneiras, através da fala, textos, discursos, fotografias, quadros de arte, música, entre outros.

¹ Mestranda em Linguística no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná.
E-mail: nadiademelo60@gmail.com

Apesar de existir inúmeras formas de expressão humana, por razões diversas, nem sempre é propício expressar de forma explícita a mensagem que se pretende transmitir. Nesses casos, embora o falante não expresse de maneira literal o sentido do enunciado, existem marcas linguísticas e/ou extralinguísticas, que o auxiliam a encaminhar seu ouvinte ao significado subjacente do enunciado. Desse modo, no presente trabalho analisaremos as Implicaturas, os Implícitos e as intenções comunicativas na letra da música “Inocente”, do cantor angolano Paulo Flores, com a finalidade de identificar os sentidos ocultos do texto.

No campo da Linguística, pelo menos duas áreas são capazes de investigar os sentidos não literais dos enunciados, a saber: Pragmática e Análise do Discurso. A primeira tem no seu objeto de estudo o significado atrelado a determinado contexto, ou seja, é a área da linguística que estuda o uso das sentenças ligado ao contexto, Cançado (2012). Já a segunda, tem como objeto de estudo a busca pelo sentido dos discursos e dos simbolismos presentes neles, Orlandi (2000).

Sendo a pragmática o campo da Linguística que trata do significado a partir do contexto, optamos por trabalhar as implicaturas na letra de música porque acreditamos que o sentido mais abrangente deste tipo de texto está no contexto ou não-ditos. Nesses casos, em que o sentido não aparece de forma completa no texto, a estratégia de leitura é, por meio de afirmações que permitem analisar inferências, o leitor construir o sentido do texto, portanto, trata-se de um significado não dado, mas que se constrói com quem escreve.

Para analisarmos a construção do significado não dado, trabalharemos com as noções de: Implicaturas na perspectiva da Pragmática; e Implícitos na perspectiva da Análise do Discurso. Assim sendo, pretendemos em nossa análise investigar as possíveis inferências permitidas pelos enunciados; os sentidos dos não-ditos e as intenções comunicativas do falante, quer seja por meio do conteúdo semântico, ou pelo contexto.

Por tratar-se do tipo de análise que depende uma leitura crítica capaz de dar conta do não-dito, compreendemos que um olhar da pragmática seria capaz de identificar somente as possíveis inferências derivadas do contexto, porém a partir das implicaturas, intencionamos investigar também os significados construídos tanto em conhecimentos compartilhados, como em interpretações subjetivas de quem lê, atentando-se aos aspectos linguísticos ou ao contexto.

Para tal, do ponto de vista da Pragmática nosso estudo terá aporte teórico nas concepções de Grice (1975, 1978) sobre as implicaturas, nas discussões de Basso e Pires de Oliveira (2014); Cançado (2012) e Costa (2009). E do ponto de vista da Análise do Discurso, nas concepções de Pêcheux sobre o sentido dos implícitos segundo Moraes (2009) e Orlandi (2000).

A Construção do sentido do texto

Sou responsável pelo que digo e não pelo que você entende
(Ditado popular)

O enunciado acima é um argumento frequentemente usado, pelo enunciador, para isentar-se de qualquer responsabilidade sobre os não-ditos. Ele apropria-se de tal premissa para que o resultado da interpretação de seu enunciado recaia exclusivamente sobre o ouvinte. Trata-se do mesmo princípio que orienta a icônica frase popular *não coloque palavras na minha boca*.

Os dois exemplos apresentados acima potencializam a ideia de que o significado do enunciado está exclusivamente no que é dito. Portanto, esta abordagem preconiza que o significado do texto ou enunciado é único e completo, no sentido em que quem enuncia

é o único responsável pelo sentido do dito. À vista disso, dizemos que tal perspectiva concebe que, para cada texto existe um único significado e é dado pelo enunciador, logo, o interlocutor é visto como um mero espectador.

No entanto, essa abordagem não é válida no campo científico da linguagem, visto que, do ponto de vista da Linguística, o significado do texto é construído na cooperação entre quem enuncia e quem recebe:

Em um texto circulam, interagem e se integram formações várias, explícitas ou implícitas, evidentes por si mesmas ou dependentes de interpretação. Por isso, um texto é necessariamente fruto de uma construção de sentido em que cooperam quem o enuncia e quem o recebe. Esta cooperação pode se dar de várias maneiras, que vão do diálogo face a face (discurso espontâneo) — em que os participantes se alternam, e às vezes se entrecrocaram, nos papéis de emissor e receptor — ao texto dado como “concluído” por seu criador inaugural (discurso planejado) (AZEREDO, 2004, p. 39).

Nesse sentido, o significado do enunciado não é algo dado pelo enunciador, é construído na interação verbal, e o ouvinte constitui elemento substancial na construção dele. É nessa perspectiva, a luz da Análise do Discurso, que (BRANDÃO 2004, p.8), destaca que “o interlocutor não é um elemento passivo na constituição do significado”.

Se o significado não é algo dado, ao contrário, o interlocutor é participante da constituição dele, afeta-nos enquanto interlocutores e pesquisadores em Linguística, construir e analisar os sentidos dos textos, músicas ou discursos que circulam amplamente nas sociedades e que podem influenciar significativamente no comportamento social dos indivíduos daquele grupo.

Desse modo, na concepção da Análise Crítica do Discurso, “[...] os textos são entendidos como parte dos eventos sociais, por meio dos quais as pessoas agem e interagem”, conforme apontam Piconi, Valk & Registro (2013). Com base nessa visão da Análise Crítica do Discurso, podemos afirmar que ao produzir um texto o autor traz consigo intenções comunicativas, já que se trata de um “evento” pelo qual os seres sociais “agem e interagem”.

Por essa razão, não é pertinente conceber os textos como algo que traz em si o significado acabado, visto que “[...] os sentidos são produzidos por meio da interpretação do texto e os textos são abertos a diversas interpretações que podem deferir em sua importância ideológica”, (FAIRCLOUGH, 2001, p. 118-119).

É delicado enxergar o interlocutor como mero espectador, são seres sociais imersos a uma dada cultura que tem impacto expressivo na maneira de sua significação do mundo. Trata-se de seres localizados ideologicamente que por meio da língua não só dialogam, como também expressam suas visões de mundo. Quem fala ou quem escreve não é um ser isolado, visto que enuncia a partir de um determinado lugar social, localiza-se no espaço e tempo, bem como traz em si dada carga cultural e ideológica. Tais cargas ideológica e social refletem na forma dos falantes interpretarem os textos.

Importa-nos aqui destacar que não pretendemos com a presente abordagem postular que todo texto é passível a mais de uma interpretação, pelo contrário, reconhecemos as peculiaridades dos textos, as intenções comunicativas de quem escreve, bem como os diferentes tipos textuais que circulam nos meios sociais.

Existem textos complexos com pouco nível de explicitude, alguns deles exigem do interlocutor conhecimentos prévios, entretanto, também existem textos mais explícitos sem muita possibilidade para distintas interpretações. O mesmo vai acontecer com os enunciados, a depender do contexto, das intenções comunicativas do enunciador, do conhecimento de mundo partilhado entre ele e seu interlocutor, os enunciados podem ser mais ou menos explícitos.

Reconhecendo as particularidades dos enunciados e textos, passamos a assumir aqui que na interpretação textual levaremos em consideração que: os textos são construídos a partir de um contexto, quem escreve ou fala está inserido em determinado contexto social, bem como partilha conhecimentos com os demais membros de seu grupo, e é a partir da interação comunicativa, por meio de textos ou discursos, que os indivíduos intervêm socialmente, se posicionam sobre os assuntos que dividem opiniões, emitem parecer e expressam suas visões de mundo, no sentido de um sujeito falar para o outro. Para Maingueneau (2015, p.25), enunciar vai além de representar o mundo por meio da língua, para o teórico “falar é uma forma de ação sobre o outro”. Desse modo, quando falamos, de certa forma intervimos sobre nosso interlocutor.

Na perspectiva da Pragmática e da Análise do Discurso, teorias que nos propusemos aplicar em nossa análise, além dos itens lexicais dispararem significados, o contexto também é um elemento preponderante na busca pelo sentido do texto. Quem escreve ou fala, tem intenção comunicativa, e acreditamos que é justamente nessa intenção que se encontra o sentido geral do texto ou discurso.

Por exemplo, o falante não precisa necessariamente expressar uma sentença do tipo *não me identifico com as políticas do atual presidente*, para entendermos que o falante não se revê no governo atual. Ele pode simplesmente, em uma roda de conversa, onde maior parte das pessoas elogiam a atuação do atual presidente, expressar um enunciado do tipo *as políticas do presidente anterior eram coerentes e voltadas para o povo, já as do atual presidente prefiro não comentar*, na sequência o falante performar um gesto de fechar a boca com zíper.

Por meio do contexto e de “pistas” contidas no próprio enunciado, perceber-se-á que quem expressa tal enunciado não se identifica com o atual governo, embora queira deixar isso patente, abstém-se de tecer críticas, possivelmente porque poderá sofrer represália, já que os outros participantes do diálogo manifestam opinião contrária.

Esse significado que não dependendo exclusivamente de fatores linguísticos, mas principalmente do contexto, é resultado do estudo do significado voltado à Pragmática, conforme aponta Cançado:

[...] vem sendo explorado por alguns estudiosos que alguns aspectos do significado são explicados em termos das intenções dos falantes, ou seja, dentro do domínio de teorias pragmáticas. Tais teorias podem ajudar a explicar como as pessoas fazem para significar mais do que está simplesmente dito, através das ações intencionais dos falantes (CANÇADO, 2012, p.19).

Cabe aqui destacar que até mesmo gestos, expressões faciais e entonação da voz contribuem para o sentido do enunciado. Imaginemos uma situação em que a pessoa é questionada sobre ser amiga de alguém e a mesma responde produzindo um enunciado do tipo *somos muito amigas*, no entanto, com o tom de ironia na voz, nos gestos e na expressão facial. Embora o significado semântico nos diga que são amigas, o contexto mostra o oposto, podemos inferir que, além de não serem amigas, não há, pelo menos até o momento da enunciação, a intenção de uma amizade, pois inferimos que há rivalidade.

Se pensarmos que a intenção da pessoa é afirmar o oposto da expressão linguística, podemos inferir que o intensificador *muito* foi usado para expressar o nível de ironia do enunciado, ou seja, não se trata apenas de não serem amigas, mas de deixar patente o quanto não são amigas.

Em uma situação como a descrita acima, o significado linguístico não pode sobrepor o significado que os fatores extralinguísticos produzem. Nesse contexto, leva-se em consideração a intenção do falante e não o significado semântico do enunciado. É

nesse sentido que abordaremos a seguir, a luz da Pragmática e da Análise do Discurso, as teorias sobre Implicaturas e Implícitos.

As Implicaturas de Grice

Como vimos na seção anterior, nem sempre o significado dos enunciados está nos itens lexicais, existem fatores extralinguísticos que contribuem para os efeitos de sentido. É neste sentido que (CANÇADO, 2012. p.20), afirma que estudar pragmática “tem relação com os usos situados da língua e com certos tipos de efeitos intencionais”. Dito de outro modo, a Pragmática estuda o uso das palavras e a sua inserção em diferentes contextos, trata-se do estudo da língua em uso atrelado a relação do contexto com os efeitos de sentido.

Na intenção de pesquisar os efeitos de sentido sobre os não-ditos, sob o olhar da Pragmática, Grice (1975) apresenta uma abordagem que explica os significados que vão além do sentido posto. Trata-se do conceito que traz para o campo da Pragmática a teoria das Implicaturas.

Grice elabora um modelo das Implicaturas com dois tipos básicos, a saber: a Implicatura Convencional e a Conversacional. Esse segundo tipo subdivide-se em dois: Implicatura Conversacional Generalizada e Implicatura Conversacional Particularizada, Costa (2009).

A **Implicatura Convencional**, segundo Basso e Pires de Oliveira (2014), não é dependente do contexto. Seu significado está atrelado ao item lexical, e as inferências derivadas delas são quase sempre as mesmas, justamente por não dependerem do contexto. Enquanto as **Implicaturas Conversacionais**, são dependentes do contexto, portanto, é possível haver mais de uma inferência para um único enunciado.

No que tange a **Implicatura Conversacional Particularizada**, Basso e Pires de Oliveira afirmam o seguinte:

[...] o que caracteriza uma implicatura particularizada é o fato de que sua interpretação está fundamentalmente atrelada a conhecimentos compartilhados pelos interlocutores numa situação de conversa em particular – esse tipo de implicatura depende em uma larga medida do contexto imediato em que ocorre (BASSO; PIRES DE OLIVEIRA, 2014, p. 44).

Enquanto que a **Implicatura Generalizada** não tem muita dependência com o contexto, seu significado não está em um item lexical necessariamente, mas se encontra no limiar entre o item lexical e o contexto, ou seja, não está necessariamente em um ou em outro, por essa razão, certos estudiosos a definem como sendo a implicatura do contexto gramatical.

Além do modelo de implicatura criado por Grice, o teórico ainda postula sobre o princípio da Cooperação e as máximas das implicaturas:

A hipótese de Grice é que, ao conversarmos, processamos ao mesmo tempo o significado da sentença e as implicaturas, isso é, o que o falante quis dizer numa dada situação em particular para além do conteúdo ou proposição veiculada pela sentença. [...] A pergunta que nos interessa é: como conseguimos entender esses significados que não são explicitamente ditos? Como é que adivinhamos o que se passa na cabeça do outro? A resposta de Grice é que quando conversamos nos ancoramos num acordo tácito de que estamos cooperando para que a conversa seja bem-sucedida; fazemos o possível para que o outro nos entenda e para entendermos o outro, do modo

mais claro, sucinto e eficaz possível (BASSO; PIRES DE OLIVEIRA, 2014, p.3).

Nesse sentido, para processarmos as implicaturas, ou entendermos os significados além do que é posto, faz-se necessária a existência dessa cooperação entre quem fala e seu interlocutor. Esse princípio de cooperação dá-se em quatro máximas:

- a) Máxima de qualidade: tente fazer da sua contribuição uma verdade, ou seja, não diga o que você acredita que seja falso, ou não diga nada de que você acredita que seja falso, ou não diga nada de que você não tenha evidências adequadas.
- b) Máxima da quantidade: faça a sua contribuição tão informativa quanto necessário para o objetivo da comunicação, nem mais nem menos informativa.
- c) Máxima de relevância: faça com que suas contribuições sejam relevantes.
- d) Máxima de modo: seja, claro e, especificamente, evite ambiguidades, evite obscuridades, seja breve e seja ordenado (CANÇADO, 2012, p. 152).

Essas quatro máximas, de acordo com Grice, explicam o princípio regente da noção de implicatura, dito de outro modo, para que o interlocutor alcance o nível de entendimento do enunciado além do explícito, é necessário que quem fala ou escreve respeite os princípios das quatro máximas. No entanto, tais máximas podem ser violadas, tendo em vista que elas não estão em concordância com os princípios linguísticos:

No entanto, fica claro que esses princípios cooperativos divergem dos princípios linguísticos no sentido de que eles podem ser e são violados frequentemente: muitas mentiras são ditas, as conversações são desviadas subitamente do seu curso por respostas desconexas, e quem nunca conversou com alguém que dá muito mais informações do que as necessárias? (CANÇADO, 2012, p. 155).

Não se trata de tal princípio não ser válido, ou da teoria das implicaturas de Grice ser incoerente, mas de que embora a cooperação se apresente como um princípio coerente, na língua em uso, na conversação efetiva, as máximas são facilmente violadas.

De acordo com os argumentos exposto acima, na óptica da Pragmática, a mensagem não é entendida somente a partir do que está posto, mas a partir do que se pode inferir através do explícito ou posto. A tais inferências derivadas do contexto de uso chamamos de implicaturas. Na seção que segue, na concepção da Análise do Discurso, trataremos de outra teoria linguística que também analisa os não-ditos, a teoria dos Implícitos.

O sentido dos implícitos

A Análise do Discurso, enquanto ramo da Linguística que investiga o sentido dos discursos, é conhecida por transitar entre as outras áreas do saber, nomeadamente a Filosofia e as Ciências Sociais:

Tendo como fundamental a questão do sentido, a Análise do Discurso se constitui no espaço em que a Linguística teve a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história (ORLANDI, 2000, p.25).

Sendo assim, para a Análise do Discurso, o estudo da linguagem desenvolve-se atrelado ao sentido que ela produz, logo, trata-se do ramo da Linguística que traz no seu

esboço questões voltadas à interpretação, mas que ao mesmo tempo não “estaciona” nela, porque “trabalha seus limites”, logo, mais do que interpretar os discursos, ela busca respostas no contexto situacional e nas Ciências Sociais para então significá-los.

E quanto à busca pelo sentido da linguagem, Orlandi (2000) afirma que ela não se dá de modo que a Análise do Discurso compreende que tem a chave para a interpretação do texto:

Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 2000, p.26).

Nesse sentido, os discursos não são vistos como objetos de estudo que escondem a verdade para o analista desvendar, mas como materiais que trazem em si inúmeros sentidos, e que aplicando os conceitos e métodos de análises, os analistas poderão interpretar os discursos, sendo que não existe uma interpretação única, mas existem métodos que auxiliam a traçar caminhos de uma interpretação coerente e não baseada em suposições infundadas.

Sendo assim, a teoria dos implícitos caracteriza-se como uma concepção que viabiliza os métodos para analisar os discursos. Ela interpreta os não-ditos, aquilo que quem enuncia não diz, mas o deixa subentendido. Segundo Moraes (2009), a implicitação passa pelo interdiscurso:

Seu funcionamento é semelhante a um silogismo implícito que, evocando um pensamento lateral que o sustenta, permite reconstituir a premissa não dita. Enunciando a partir de um lugar discursivo, o falante se identifica com as premissas condizentes a esse lugar. A possibilidade de identificação entre enunciado e premissa não dita, embora posta nos próprios enunciados, articula-se na região do interdiscurso (MORAES, 2009, p. 274).

Portanto, o sentido dos implícitos não são produzidos de forma isolada, existem outros elementos que contribuem para sua interpretação, sendo a localização discursiva, os argumentos que se apresentam ao lado dos implícitos e o interdiscurso, mecanismos que auxiliam na busca pelo sentido dos não-ditos. Nesse sentido, os implícitos “[...] embora não sejam explícitos, revelam, por meio da memória discursiva, o lugar discursivo ideológico a partir do qual o falante enuncia”, (MORAES, 2009, p. 274).

Segundo Moraes (2009), a teoria do discurso considera que compreender os implícitos perpassa pela ideia de que a sequência discursiva é atravessada pelo interdiscurso, ou seja, outro discurso proferido anteriormente, entretanto, com origem não situada, mas que passa por reconfiguração. Orlandi (2000) conceitua o interdiscurso da seguinte forma:

Este é definido como aquele que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2000, p. 31).

Neste sentido, a Análise do Discurso, por meio dos estudos sobre os implícitos, introduz as ideias de interdiscurso e pré-construído, o primeiro diz que o discurso não é necessariamente novo, já fora dito anteriormente e corresponde a memória discursiva.

Enquanto que o discurso pré-construído tem relação com o que se pode pressupor no discurso, torna-se um “presença-ausente” (MORAES, 2009, p. 273).

Queremos com o exposto acima sobre as implicaturas e implícitos dizer que, todo texto é provido de sentido, seja ele explícito ou implícito. Isso significa que, em uma leitura que não se busque pelos sentidos não literais do texto, pode ocorrer uma análise ou compressão rasa da mensagem que realmente pretende ser transmitida. Logo, observar os implícitos e/ou implicaturas é uma estratégia de leitura que possibilita não só buscar o sentido do texto como um todo, como também permite identificar discursos que por inúmeras razões estão subjacentes no texto.

Vale destacar que a implicitude é motivada por fatores que vão desde razões de natureza pessoais a sociais. Portanto, podemos identificar a utilização dos implícitos em uma música que faz crítica social ou crítica direta a um indivíduo ou entidade, em outros casos, em textos que incitam discursos de ódio, intolerância, racismo, ou então narrativas que fazem apologia a práticas que do ponto de vista social são censuradas, como o consumo de drogas não legalizadas por exemplo.

Somente uma análise de cunho pragmático, que observa o significado através do contexto é capaz de identificar as inferências e dar o devido tratamento e relevância as implicaturas, e por outro lado, uma análise ancorada a Análise do Discurso será capaz de dar conta dos implícitos subentendidos nos enunciados.

Na seção que segue, passaremos a analisar as implicaturas e implícitos identificáveis na letra da música “inocente”, do cantor angolano Paulo Flores.

Análise das Implicaturas e Implícitos na letra da música “Inocente”

Estou de regresso à vida
Sei que estava inocente
Que esperam de mim? Miúdo de rua, de rua sem nome
De lição estudada na beira da estrada que não tem saída
Que querem que eu faça? Se o que aprendi foi pedir esmola
Mas se vos consola, riam-se de mim, fechem-me a porta na cara
Eu vou perguntar ao meu coração se não tem uma chave
Para abrir essa porta que dá para o outro lado do mundo
Esse mundo que há de ser meu
Sem a dor de um qualquer pau nas costas
Sem mais mãos para pegar nesse pau.

Observa-se na primeira parte da música um enunciador que se expressa e se dirige a pelo menos mais de uma pessoa, fazemos tal inferência porque quando se refere a seus interlocutores faz o uso do plural, como observamos no terceiro verso. Do ponto de vista das implicaturas, os participantes da ação foram identificados por meio da **implicatura convencional**, visto que a partir do item lexical localizamos quem fala e seus interlocutores.

Embora seja possível identificar nos itens lexicais informações referentes aos participantes do evento, os implícitos, ou não-ditos, trazem informações sobre o contexto social do enunciador e ampliam o entendimento da mensagem que ele pretende transmitir, as intenções comunicativas.

Referente aos **implícitos** temos no discurso (música) um enunciador que despertou de algo, passou por momento de mudança de estado: de inocente a não mais inocente. Inferimos, a partir disso, que tal inocência refere-se a sua situação social, visto que na estrofe seguinte ele situa quem é e de que contexto social é proveniente.

A leitura do verso três possibilita-nos implicar que o enunciador é morador de uma rua periférica. O termo “rua sem nome”, traz no angolano uma memória de que, as

ruas sem nome são as ruas localizadas nas periferias, onde muitas famílias sequer têm acesso a água potável ou a energia elétrica, por exemplo. Se pensarmos no contexto específico de Angola grande parte das ruas não têm nome, no entanto são ruas situadas nas periferias.

Com base nisso, podemos imaginar a situação social de vulnerabilidade do enunciador, não só por ser morador da periferia, mas também porque a memória discursiva nos lembra que todo morador de rua vive em condição de vulnerabilidade, e um morador de rua da periferia é mais vulnerável que um morador de rua do centro urbano. Embora o enunciador não tenha produzido uma sentença do tipo *estou sofrendo*, o seu relato sobre quem ele é pressupõe que sua vida é sofrida.

A partir do verso três ao quinto verso, colhemos as seguintes **implicaturas conversacionais generalizadas** sobre o enunciar:

- O enunciador vive de esmola e não tem uma família, um lar;
- O enunciador é menor de idade - já que em Angola o termo menino, geralmente é utilizado para se referir a gente que não é de maior idade;
- O aprendizado do enunciador sobre a vida foi deu-se fora do contexto familiar.

A partir disso, os implícitos e implicaturas nos permitem inferir o seguinte sobre o enunciador: trata-se de uma criança sem oportunidades, crescendo longe do contexto familiar, o que influencia de forma direta na sua formação enquanto indivíduo de uma determinada sociedade, visto que as crianças quando crescem em situações de vulnerabilidade tendem a apresentar “desvios” de conduta, na verdade nada mais é que um comportamento resultante da situação vulnerável.

Do verso sete ao onze, lê-se relatos sobre violência física e psicológica por parte da sociedade. Pressupomos ser por parte da sociedade porque se é para ela que o menino pede esmola, possivelmente, esta mesma sociedade além de lhe negar tal esmola ainda é agressiva fisicamente, psicologicamente e moralmente.

Do ponto de vista discursivo temos memórias de que em determinadas sociedades circulam discursos que dão conta de colocar os moradores de rua na condição de pessoas que abandonaram seus lares propositalmente para conseguir uma vida “fácil” nas ruas, ou então são indivíduos preguiçosos e querem viver à custa de desconhecidos. Esses discursos, que na verdade não espelham a realidade de um morador de rua, apresentam-se como agressivos para tais indivíduos que por inúmeras razões perdem seus lares.

Desta primeira parte, em termos de intenção comunicativa, pressupomos que o enunciador explica qual é a sua realidade de mundo, justamente para o interlocutor entender que a sua situação atual não é propriamente resultante de suas escolhas, tão pouco se trata de uma situação onde ele sintasse confortável viver, por isso, o desejo de conhecer o outro lado do mundo diferente do dele, logo, percebe-se um desejo de querer triunfar na vida.

Estou de regresso à vida
 Sei que estava inocente
 Estava, ficava, era inocente, jurava, sempre
 Faço tudo pra me respeitar
 Preso estava eu, inocente.
 Minha mãe foi mulher espancada, humilhada, ultrajada
 Foi minha mãe.
 O meu pai foi mobília de bar, caído, dormindo ao relento
 com uma garrafa no peito
 Então o que esperam de mim? O que vocês querem que eu faça?
 Se a vida ensinou-me assim...
 Alguém que me dê um sorriso, tudo o que eu mais preciso

para encontrar meu lugar, e quem achar que não está certo
 disser que eu não tenho direitos, aqui eu não posso ficar.
 Que venha, me olhe nos olhos, e pegue na primeira pedra
 ou então que se cale pra sempre² (FLORES, 1995).

Do verso doze ao dezesseis, o discurso do enunciador inicia-se com a repetição do despertar sobre a vida, ele utiliza-se do tempo presente para manifestar uma tomada de atitude sobre fazer-se respeitar. Já nos versos seguintes, temos informações novas referentes ao enunciador, detalhes sobre sua família que nos permitem **implicitar** sobre o motivo de se tornar um morador de rua, assim sendo, dos não-ditos, inferimos o seguinte:

- O pai era alcoólatra;
- A mãe sofria violência doméstica por parte do pai;
- Sua família era desestruturada, enquanto teve;
- O enunciador é órfão, já que se refere aos pais no tempo passado com a forma verbal *era*, **implicatura convencional**;
- O enunciador se sente triste;
- O enunciador deseja sair da situação a qual se encontra.

Além desses enunciados revelarem a condição social do enunciador, seu estado psicológico e o próprio olhar sobre seu contexto, evidencia-se que o enunciador vem de uma família com problemas relacionados ao alcoolismo e a violência, sendo essas as causas mais comuns da desestruturação das famílias. Nos três versos finais, percebemos um discurso que revela mudança de atitude do enunciador ao se posicionar e desafiar seus críticos a enfrentá-lo, *e quem achar que não está certo, disser que eu não tenho direitos, aqui eu não posso ficar, que venha, me olhe nos olhos, e pegue na primeira pedra, ou então que se cale pra sempre.*

De um modo geral, identificamos no discurso o enunciador tecendo críticas a dois problemas diferentes, primeiro ao tratamento que a sociedade oferece aos moradores de rua, esta é uma crítica mais explícita no texto. A segunda, não explícita, mas pressuposta, recai as instâncias governamentais, visto que seriam os responsáveis por combater a pobreza e a desigualdade social.

Se pensarmos na realidade de uma rua que sequer tem um nome, certamente nos indagaremos sobre como são as condições de habitabilidade dos seus moradores. Acreditamos que Paulo Flores, enquanto cantor e compositor da música, por meio do enunciador e valendo-se dos não-ditos, teve a intenção de nos encaminhar a refletir sobre a realidade de um morador de rua, sobre como a sociedade ignora tais indivíduos e principalmente, questionar como as governações se posicionam diante de tal situação.

Considerações finais

Os textos ou discursos são carregados de significados que podem ser explícitos ou implícitos. Buscar os sentidos não literais deles é percebê-los como construções não imanentes, mas como meio pelo qual os seres sociais interagem, posicionam-se ideologicamente, e exercem ação sobre o outro. E é justamente por isso que nos propusemos em analisar os não-ditos da letra da música “Inocente”, de Paulo Flores, porque acreditamos na carga expressiva das músicas, bem como no seu impacto social e no seu espaço como lugar de denúncia.

² FLORES, Paulo Inocente. álbum: Inocente. 1995. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q3pV14ZCh7I>>

Portanto, além de identificarmos a crítica social na música, percebemos que o autor se valeu dos não-ditos para explicitar sua intenção comunicativa. Esse tipo de estratégia é comum em letras de músicas, pois além de preservar a imagem de si sobre qualquer reação inesperada por parte de quem ouve a música, o autor isenta-se de qualquer responsabilidade resultante da interpretação do ouvinte.

Portanto, explicou-se aqui que a leitura dos não-ditos não é feita deliberadamente, ou com base em pressuposições infundadas. Trata-se de estudar as teorias linguísticas, observar suas aplicações, não para encontrar a chave de interpretação do texto, mas para aplicar métodos que são capazes de buscar o sentido dos não-ditos com base em “pistas” linguísticas dos próprios enunciados, ou por meio de dispositivos de interpretação que levam em consideração o contexto situacional. Relativamente ao texto analisado, observamos que os não-ditos na letra da música contribuem significativamente na compressão do significado completo do texto, visto que por meio de pressuposições chegou-se à conclusão de que o texto traz como pano de fundo uma crítica social e política.

Uma vez observado os não-ditos, e, considerando o contexto atual, em que muitos falantes se isentam de qualquer responsabilidade derivada das interpretações dos não-ditos, finalizamos nossa intervenção com a seguinte questão: do ponto de vista da Linguística, qual é o grau de comprometimento de quem escreve em relação à interpretação dos não-ditos?

Referências

- AZEREDO, J. C. de. **Fundamentos de gramática do português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CANÇADO, C. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSTA, J. C. da. **A Teoria Inferencial das Implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 12-17, jul./set.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GRICE, H.P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (Ed.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press. 1975. v. 3. p. 43.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- MORAES, E. de. Semantic theories and the implicit meanings in language. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.261-282, 2009.
- ORLANDI, E. P. Sujeito, história e linguagem. In: _____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.
- PICONI, L.B; VALK, C. C. S; REGISTRO, E. S. R. O ensino de línguas via gêneros: possíveis abordagens teórico-metodológicas. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 1, p. 368-400, jan./jun. 2013.
- PIRES DE OLIVEIRA, R; BASSO, R. **Arquitetura da conversação: Teoria das Implicaturas**. 1ed. São Paulo: Parábola, 2014.

Submetido em: 30 de setembro de 2020

Aprovado em: 07 de dezembro de 2020